

Maria Sequeira Mendes

Requintes de malvadez

“A menina matou o rato e está cheia de medo”.

Dores

Na página 254 de *Casas Pardas* há um conto chamado “A Dama das Neves” onde se descreve, de modo não demasiado evidente, a maldade e o modo como esta pode ser prazerosa e ruim ao mesmo tempo, tornando-se, aos meus olhos, estas três páginas uma pedra-de-toque da obra de Maria Velho da Costa. Nelas, descreve-se a história do “grande demónio que vivia no mais alto pico da mais alta serra da terra toda”, dentro de um castelo com “lareiras de oiro e camas de minério de prata e pedras preciosas” e “manjares de boas carnes”. O demónio, “que era da altura de três carros de milho”, “vivia ensombrado de se ver assim sem mais companhia” e um dia pediu ao Grande Amo e Senhor das coisas brancas que lhe desse uma filha para que esta o pudesse acompanhar “neste tempo sem termo, nesta morada [...] dos sítios mais ermos e mais altos e mais frios de toda a terra”. Na manhã seguinte, quando o grande demónio acorda vê que lhe está a nascer sobre o sítio do coração, dentro de um cristal de rocha, uma menina que ia crescendo. Quando, dias mais tarde, o grande demónio se atreve a tocar no cristal este desfaz-se em mil pedaços airosos que esvoaçam para o chão e a menina abre os olhos e diz: “Bom dia, Senhor Pai, dê-me a sua bênção”.

O conto não se explica e por isso nunca chegamos a perceber porque não abandona o demónio as lareiras de oiro e as camas de minério de prata e pedras preciosas (note-se o plural em “camas”, a acentuar a riqueza e a solidão do demónio), limitando-se a mudar do mais alto pico da mais alta serra para um sítio onde houvesse mais gente. É igualmente estranho que alguém, que nunca sabemos quem é, faça a vontade a um demónio, dando-lhe nada mais nada menos do que uma filha. O facto de esta nascer do coração do demónio indica alguma esperança para uma vida a dois, mas o facto de as suas primeiras palavras ao pai serem “Bom dia, Senhor Pai, dê-me a sua bênção”, implica certa subserviência perante o seu progenitor. Que tipo de bênção, perguntará o leitor, pode dar um demónio?

Em “A Dama das Neves”, mal e bem existem em simultâneo, e o requinte da linguagem usada para descrever pormenores no texto serve para sublinhar aquilo a que geralmente chamamos malvadez. Neste texto, como noutros, desde a magna *Missa in Albis* a *Myra*, a sofisticação da linguagem é usada para descrever a forma como somos, todos, piores do que deveríamos, e como nos momentos em que estamos a ser ruins, pequenos e malvados,

conseguimos ter actos de generosidade, compreensão e atenção para com outros. A linguagem usada por Maria Velho da Costa é a de Babel (expressão de António Guerreiro) porque a crueldade não se cinge a uma classe social específica, não pertence a um estrato económico ou a um género.

A complexidade da linguagem usada é transposta de romance para romance, tal como sucede com as personagens, a Elisa de *Casas Pardas* a surgir em *Irene*, ou Myra que, como a autora afirma numa entrevista, “é como uma Maina que fala”. Nas suas várias obras, neste encadeamento de personagens, linguagens e por vezes outras vozes autorais (como sucede em *Novas Cartas Portuguesas* e em *O Livro do Meio*), Maria Velho da Costa faz-nos ver o positivo e negativo da maldade, como se nos levasse a observar os dois lados de uma moeda ao mesmo tempo e, ao fazê-lo, nos mostrasse que o juízo sobre o seu valor é por nós determinado.

Se se pensar na obra de Maria Velho da Costa a esta luz talvez se consigam reinterpretar temas como o feminismo, o colonialismo, entre outros, considerando-os subsecções de um problema maior, que é ilustrado na eventual resposta à crueldade do grande demónio (afinal, que há-de fazer a filha ou o Caliban que começa por pedir a bênção ao pai a não ser revoltar-se contra ele?). Existe, ainda, a crítica ao modo como nos decidimos, ou não, tornar família uns dos outros, sejam esses outros pessoas ou animais, como sucede no caso de *Myra*. Assim, com “A Dama das Neves” percebemos que a paternidade surge como resultado do desejo egoísta de companhia, uma crueldade que gera vidas (com graus variáveis de felicidade) todos os dias. É por isso que quando Madalena, preocupada, interrompe a história para perguntar se o Demónio morre, Elisa lhe responde que “não, minha querida, os demónios nunca morrem, coitados”. Assim se compreende que “A Dama das Neves” é uma tragédia e que, se os demónios nunca morrem, é porque ficam connosco mais tempo do que deviam. Também é por isso que, em *Dores*, talvez não tenha sido a menina quem matou o rato, mas sim quem queria ver-se livre da criança.